

Kestler, Izabela Maria Furtado, *Exílio e Literatura. Escritores de fala alemã durante a época do nazismo*, trad. Karola Zimber, revisão da tradução da autora, São Paulo: EDUSP, 2003.

Márcio Seligmann-Silva*

O livro de Izabela Kestler recém-publicado entre nós traz em sua história e na sua temática muitas marcas da deriva e de errâncias. Trata-se, antes de mais nada, de um livro traduzido, escrito originalmente em alemão por uma brasileira, como tese doutoral na Universidade de Freiburg, na Alemanha. A partir da Alemanha a pesquisadora se voltou para o Brasil e mais especificamente para as histórias de escritores que encontraram abrigo neste país, na sua fuga do totalitarismo nazista. O livro abre-se com uma dedicatória à memória de Leo Scherer, um alemão que iniciou a autora na língua alemã. Ele mesmo era um exilado cuja família foi assassinada em Auschwitz. Ou seja, esta obra apresenta-se já em si como uma série de entrecruzamentos temporais e espaciais — que cortam incessantemente em um ir e vir entre a Alemanha e o Brasil, passando também nestas viagens do alemão para o português e desta língua para aquela. Estes deslocamentos conectam também o individual — as vidas singulares — ao movimento total da história. O resultado é surpreendente, em um sentido muito positivo. Kestler com um tom sóbrio, sem descambar para a “neutralidade científica”, consegue traçar um painel vivo e muito atual de uma geração de exilados em um momento nada hospitaleiro de nossa história política.

O tema específico do estudo é, portanto, o grupo de autores literatos e publicistas de língua alemã (em boa parte judeus) que se exilou no Brasil devido ao nazismo. O livro abre com uma apresentação da situação histórica do Brasil entre 1930 e 1945, trata a questão da legislação imigratória deste período, para em seguida apresentar um panorama com cerca de 40 biografias de escritores e publicistas de língua alemã que vieram para o Brasil na época. A este panorama segue-se uma detalhada e profunda análise da atuação política deste grupo de exilados (onde acompanhamos a criação e os confrontos entre organizações antinazistas no Brasil e suas articulações com organizações da Argentina e do México), um pequeno capítulo sobre o teatro no exílio e uma análise mais detida das

obras, por assim dizer voltadas para o Brasil, de Stefan Zweig, Ulrich Becher e do romance inédito de Hugo Simon, *Seidenraupen (O Bicho-da-seda)*. Estas obras são apresentadas sobretudo no que elas apresentam de testemunho histórico e individual.

A época que vai de 1930 a 1945 coincide com a estadia no poder de Getúlio Vargas. A proximidade de Vargas e de seu governo com o modelo e a ideologia fascista, o que incluía o anti-semitismo nazista e o centralismo econômico e cooptação dos trabalhadores típica do fascismo italiano, refletiu-se também na (falta de) abertura para os exilados (judeus e opositores do nazismo) e nas terríveis leis para os estrangeiros. O “Estado de exceção” que caracterizava a doutrina nazista, inspirada pelo politólogo Carl Schmitt, também valeu para o período do Estado Novo que funcionou com base em decretos e suspendeu os direitos de cidadania. Ou seja: os estrangeiros estavam “apenas” um degrau abaixo da população brasileira já submetida a uma cadeia de arbitrariedades e de autoritarismo. Com a entrada dos Estados Unidos na guerra depois do ataque a Pearl Harbour, Vargas teve que ceder às pressões norte-americanas e também acabou declarando guerra ao Eixo em 1942. Com isso a situação dos exilados de língua alemã (alemães, austríacos, suíços, judeus expatriados) não foi amenizada já que a língua alemã foi proibida de ser utilizada e todos “alemães” passaram a ser tratados como inimigos. Como Kestler recorda, dos cerca de 86 mil refugiados alemães que vieram para a América Latina entre 1933 e 1945, 16 mil vieram para o Brasil sendo a maioria deles de ascendência judaica. No Brasil teorias pseudo-científicas levaram a uma política de imigração baseada em cotas voltada para a criação de uma “raça brasileira”. Desde 1937 circulares secretas (não se queria ostentar a proximidade com os países do Eixo) reprimiam a imigração judaica chegando a proibir vistos a “estrangeiros de ascendência semítica”.

O resultado deste ambiente muito mais hostil que hospitaleiro foi o incrível aumento dos percalços — já largamente acumulados devido ao nazismo e a necessidade de exílio — para se obter os vistos de entrada e após a chegada ao Brasil. Os intelectuais de língua alemã que Kestler apresenta trazem inúmeras marcas destes percalços em suas biografias. Poucos deles são conhecidos hoje em dia. Neste sentido a autora salva estas histórias do esquecimento — do “recalcamento histórico”, poderíamos dizer. Ela também de certo modo rende homenagem à memória deles, assim como à de Leo Scherer.

Mas alguns deles foram agraciados pela história com uma memória viva. No Brasil, as marcas deixadas por Otto-Maria Carpeaux (nascido Karpfen) e Anatol Rosenfeld não podem ser exageradas. Nossos estudos literários tem uma dívida incomensurável com eles. A obra Carpeaux não

perde em brilho devido ao seu (já conhecido) passado de ativista do catolicismo político e de sua atuação em órgãos do austrofascismo. Sua “metamorfose” profissional e política sofrida no Brasil faz parte das histórias do exílio e pode ser comparada com a de um Paul de Man que teve seu passado conservador (e antisemita) pré-imigração para os EUA revelado após sua morte. Já Herbert Moritz Caro, nascido em Berlim em 1906, veio para o Brasil em 1935 e ainda é aclamado como um dos grandes tradutores do alemão devido às suas monumentais traduções de Thomas Mann, Elias Canetti e de outros importantes escritores.

Stefan Zweig e Ulrich Becher, por sua vez, possuíam um nome antes de vir para cá, mas suas obras também foram marcadas por esta estadia no Brasil. Segundo Kestler, essa marca brasileira é única em intensidade dentro do panorama da literatura de exílio da época. O final da vida de Zweig em Petrópolis, sua depressão e seu suicídio são uma expressão eloqüente da situação do exilado de guerra. Sua famosa obra *Brasil: país do futuro* é apresentada como uma construção de uma utopia e posta em contraste com sua autobiografia *Die Welt von Gestern: Erinnerungen eines Europäers*. Seu escrito panegírico ao Brasil deve ser compreendido como parte da sua obra e não como uma encomenda de Getúlio ou um pagamento em troca de seu visto. Zweig, como outros intelectuais judeus de sua geração, sentia-se como o “último dos europeus”. Eles vivenciaram o naufrágio de uma cultura. A autora apresenta também a vida de Victor Wittkowski, outro alemão judeu, poeta e secretário de Zweig, que após retornar a Europa, fortemente abalado pela sua história sofrida, também se suicidou. Ulrich Becher mudou-se em 1944 para os EUA e em 1948 retornou também a Europa. Esta volta a Europa foi a regra entre os escritores exilados.

Já Vilém Flusser — nascido em Praga em 1920 e que teve a família executada pelos nazistas — é hoje em dia o intelectual “brasileiro” de maior repercussão internacional, apesar de ser ainda pouco lido no Brasil. Praticamente toda a sua formação se deu neste país, onde chegou em 1940, e suas primeiras obras foram publicadas aqui, antes de sua volta a Europa que ocorreu apenas em 1972. Como teórico da comunicação, da escritura e das imagens sua obra pode ser posta ao lado da de Walter Benjamin (que também é mencionado pela autora, devido a uma famosa carta de Erich Auerbach a ele, convidando-o para vir assumir uma vaga na USP em 1935. Benjamin infelizmente não pôde aceitar esta indicação.). Prefiro apostar que a valorização por aqui dos escritos de Flusser seja só uma questão de tempo e de maior investimento na sua publicação/tradução. O trabalho de Kestler também sopra a favor deste augúrio positivo.

Dentre as inúmeras histórias de vidas danificadas — e devastadas pela perseguição, por mortes e pelo exílio —, que Kestler colecionou e nos apresenta, uma das mais impressionantes é a do ex-ministro das Finanças da República de Weimar, banqueiro na Alemanha e em Paris e que acabou seus dias na pacata Penedo dedicando-se à jardinagem e escrevendo seu monumental romance fortemente autobiográfico *Seidenraupen* que ficou inconcluso e permanece, infelizmente, inédito. De Hugo Simon ela também apresenta em anexo cartas de Thomas Mann e Einstein, entre outros documentos de sua vida.

O livro de Izabela Kestler vem somar-se às pesquisas sobre o exílio e a imigração no Brasil com brilhantismo. A autora traçou um quadro biobibliográfico e histórico que pode acolher generosamente uma série de histórias de vida e que, neste sentido, em uma perspectiva transgeracional, auxilia na compreensão do nosso presente.

* Prof. Dr. Márcio Seligmann-Silva - Departamento de Teoria Literária Instituto de Estudos da Linguagem Universidade de Campinas - UNICAMP